

O COLECIONADOR MÁRIO DE ANDRADE E A DEFESA DO PATRIMÔNIO ARTÍSTICO NACIONAL

THE COLLECTOR MÁRIO DE ANDRADE AND THE DEFENSE OF THE NATIONAL ARTISTIC HERITAGE

Maria Regina Barcelos Bettiol¹

RESUMO: Neste trabalho exploramos mais uma entre as tantas facetas do escritor Mário de Andrade: a de colecionador. Mário de Andrade é um dos maiores colecionadores de arte do Brasil, escreveu seu nome não apenas na História da Arte Brasileira mas também foi um dos pioneiros da História do Colecionismo no Brasil. A experiência do colecionador Mário de Andrade foi fundamental para a formulação do seu conceito de patrimônio que foi a base para a criação de políticas culturais para o nosso país, políticas estas articuladas com os diversos interesses da nossa sociedade. A coleção marioandralina retrata a cultura brasileira em seus múltiplos aspectos, uma coleção que deverá ser conhecida por todos aqueles que estudam a nossa cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Coleção; Patrimônio Artístico; Cultura Brasileira.

Nunca colecionei pra mim, mas imaginando me constituir apenas salvaguarda de obras, valores e livros que pertencem ao público, ao meu país, ao pouso que eu gastei e me gastou.

22/03/1944
Mário de Andrade

Não como turista aprendiz, seguindo a comodidade prevista dos roteiros, mas como os viajantes, os viajantes do passado, primeiros decifreadores do Brasil. Indaga, observa, registra pacientemente o que vê e lhe informam, em caderninhos inumeráveis que vai retirando, sem cessar, dos bolsos. Sabe que para apreender a realidade é preciso continuar se afastando de si mesmo, das lembranças pessoais, do presente, para penetrar na zona adormecida dos “vestígios inertes”, “congelados”, “parecem emergir do curso do tempo: modismos, ditos e quadras populares, frases feitas, melodias esquecidas, destroços de danças dramáticas, ruínas de arquitetura, imagens se

¹Maria Regina Barcelos Bettiol é graduada em Letras pela PUC-RS (1994). Mestre em Literaturas Francesa e Francófonas pela UFRGS (1998). Doutora em Letras (Littérature Générale et Comparée) pela Université Sorbonne Nouvelle Paris III (2008) e Doutora em Letras (Literatura Comparada) pela UFRGS (2008). Pós-doutorada em Teoria da Literatura pela Universidade de Coimbra (2014). É Membro integrante do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL) da Universidade de Lisboa, Membro da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL/Brasil) e Membro da Société Internationale d'Études Jésuites (SIEJ/PARIS). Atualmente, é pesquisadora CAPES PNPd na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (Campus Frederico Westphalen). E-mail: mrbettiol@yahoo.com.br

desfazendo.Grafa.Fotografa.Registra.Ficha.Recolhe.

**Homenagem a Mário de Andrade:o colecionador e a coleção
Gilda de Mello e Souza**

Collezionare è un modo d'essere profondamente umano, fatto di curiosità e senso della scoperta, cultura e socialità. Una collezione richiede tempo energie e risorse, come qualsiasi attività del tempo libero; si può viverla in tanti modi diversi, come tutte le altre umane passioni.

I Colezionistiusi -costumi, emoziõni

Enrico Castruccio

Neste número da revista *Literatura & Debate* dedicado a Mário de Andrade, abordaremos mais uma das tantas facetas do escritor: a de colecionador. Durante a sua vida Mário de Andrade organizou uma grande coleção que hoje faz parte do patrimônio artístico nacional²e que retrata a cultura brasileira em seus múltiplos aspectos, uma coleção que deve ser conhecida e estudada por todos aqueles que se interessam pela cultura brasileira.

Ao longo da sua curta, mas brilhante trajetória intelectual, Mário de Andrade desenvolveu um projeto estético para o Brasil,um projeto que se traduziu em toda a sua obra. Em outras palavras, demonstraremos que a experiência enquanto colecionador antecede, prepara e inspira o intelectual Mário de Andrade especialmente no que diz respeito à formulação do seu conceito de patrimônio que foi a base para a criação de políticas culturais para o nosso país, políticas estas articuladas com os diversos interesses da nossa sociedade³.

Embora o colecionismo seja um fenômeno raramente estudado no meio acadêmico brasileiro⁴,devemos mencionar que Mário de Andrade é um dos nossos maiores colecionadores, a sua coleção revela aspectos políticos, sociais e culturais do período

²Conforme Batista e Lima(1998:19) em 1995, o IPHAN –Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional –declarou o Acervo Mário de Andrade (biblioteca, arquivo e coleção de objetos e obras de arte) patrimônio nacional, aumentando a responsabilidade do Instituto de Estudos Brasileiros da USP em relação à preservação, catalogação e divulgação deste precioso acervo coletado em vida pelo escritor. (BATISTA, Marta Rosseti& LIMA, YoneSoares de (ORGS). *Mário de Andrade: artes plásticas*.2ed. SP:IEB,USP,1998.

³A política cultural proposta por Aloísio Magalhães na década de 1970, apoiava-se no projeto estético de Mário de Andrade .Ler a esse respeito MAGALHÃES, Aloísio. *E triunfo? A questão dos bens culturais no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho/Nova Fronteira, 1997.

⁴Ler COSTA, Paulo de Freitas. *Sinfonia de objetos: a coleção de Ema Gordon Klabin*. São Paulo: Iluminuras, 2007.

Revista Literatura em Debate, v. 9, n. 16, p. 57-68, ago. 2015. Recebido em: 02 jun. 2015. Aceito em: 21 jun. 2015.

em que viveu, deixando seu nome indiscutivelmente gravado na História da Arte Brasileira além de evidenciar o seu pioneirismo na arte do colecionismo no Brasil⁵. Mas o que de fato significa colecionar? Como nasce e se desenvolve uma coleção? Quais os problemas recorrentes enfrentados por um colecionador?

Uma leitura atenta da biografia intelectual de Mário de Andrade comprova que tudo conspirou para que se transformasse em um grande colecionador: a educação refinada que recebeu de sua família e das instituições em que estudou, as conferências que frequentou, o trabalho na imprensa, as galerias de arte que habitualmente visitava, as amizades com famosos escritores e artistas de sua época, as viagens que fez pelo Brasil cartografando a cultura brasileira⁶, principalmente, a sua natureza de esteta que sempre fez com que vivesse cercado de obras de arte. Logo, tudo, absolutamente tudo, conspirou para que o desejo de colecionar dominasse o colecionador Mário de Andrade.

Sabemos que o desejo de colecionar, tão presente na vida de Mário de Andrade, nasce com história da humanidade, através das coleções podemos acompanhar a história cultural das nações. Quando pensamos em uma coleção, a primeira ideia que temos é que trata-se de um hobby em que a pessoa recolhe objetos de uma categoria particular, o conjunto desses objetos recolhidos é chamado de coleção. Essas coleções são geralmente bem organizadas, catalogadas e expostas publicamente⁷.

Um dos primeiros a tentar entender este intrigante fenômeno do colecionismo foi Jean Baudrillard em seu célebre livro *O sistema de objetos*.⁸ Para o referido autor (1968, p. 95), uma coleção não é mera acumulação de objetos: “*objeto puro, privado de função ou abstraído de seu uso, toma um estatuto estritamente subjetivo: torna-se objeto de coleção*”. Mesmo desenraizados do seu contexto histórico original, os objetos do

⁵ “Ao falecer, em 1945, Mário de Andrade legava à posteridade, além de seus numerosos escritos, um grande acervo que reunira, de obras de arte, livros, manuscritos e documentos dos mais importantes para compreensão de sua época. Eram cerca de 17.000 volumes sobre literatura, artes plásticas, música, história e outras áreas da cultura brasileira, ao lado de livros estrangeiros, de obras raras e ilustradas e importante coleção de revistas. Havia também seus arquivos com manuscritos, correspondência, fotografias, hemeroteca, discos, catálogos e folhetos sobre as manifestações artísticas da época; ainda pinturas, esculturas, desenhos, gravuras, imagens religiosas e objetos populares vários”. BATISTA; LIMA, op.cit, p.21.

⁶ FONSECA, Maria Helena. *Por que ler Mário de Andrade?* São Paulo: Globo, 2013. p.5.

⁷ A esse respeito ler CASTRUCCIO, Enrico. *Collezionisti usi, costumi, emozioni*. Cremona: Persico Edizioni, 2008.

⁸ BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva, 1997, p. 95.

Revista Literatura em Debate, v. 9, n. 16, p. 57-68, ago. 2015. Recebido em: 02 jun. 2015. Aceito em: 21 jun. 2015.

passado dialogam com os objetos do presente, há sempre um diálogo que está em permanente construção.

Em sintonia com o pensamento de Baudrillard, Paulo de Freitas Costa denomina esta reunião de objetos do passado e do presente de polifonia:

Cada objeto tem sua história e o seu significado. Não apenas aquele gerado no ato de sua criação, mas também todos os significados que a ele foram atribuídos ao longo de sua trajetória, bem como aqueles advindos do diálogo entre os diversos objetos de uma coleção. Essa curiosa polifonia, presente em qualquer reunião de objetos, nos apresenta uma série de questões. (COSTA, 2007, p. 15)⁹

Certamente que essa ideia de polifonia não era estranha ao olhar exigente do colecionador Mário de Andrade, pois ele soube reunir, em sua residência, um conjunto diversificado de objetos, provenientes de diferentes lugares e de épocas distintas e ao reinseri-lo sem um outro contexto histórico e cultural soube ressimbolizá-los, dando-lhes uma nova vida, novos significados.

Contudo, o conceito de coleção ideado por André Drougueté mais abrangente ao afirmar que uma coleção gera outras coleções e ao mencionar duas categorias de colecionadores. Resumidamente, podemos dizer que para Drougue (2014, p. 27)¹⁰ existe um tipo de colecionador que é motivado a colecionar pelo simples prazer de colecionar e outro, que é motivado a colecionar por obrigação de profissão quando se responsabiliza pela salvaguarda de uma coleção.

Essas definições iniciais são essenciais para entendermos o percurso do colecionador Mário de Andrade. Dito de outra forma, essa sinfonia de objetos tem duas etapas: num primeiro momento o processo de colecionar foi para o jovem escritor Mário de Andrade um mero hobby, um passatempo nas horas vagas, tratava-se inicialmente de uma coleção particular criada para o seu próprio prazer estético como atesta a carta datada de 14 de novembro de 1940 endereçada à amiga Oneyda

⁹ COSTA, op.cit, p.2.

¹⁰ A esse respeito ler GOB, André &, DROUGUET, Noémie. *La muséologie. Histoire, développements, enjeux actuels* Paris : Armand Colin, 2014, p. 27.

Alvarenga. Na referida carta, descobrimos que desde de muito jovem Mário de Andrade tinha interesse pelas artes, o escritor relata a sua primeira aquisição e já demonstra o seu gosto em colecionar:

Assim como estudava piano, não perdia concerto e lia a vida dos músicos, também não perdia exposições plásticas, devorava histórias de arte, me atrapalhava em estéticas mal compreendidas, estudava os escritores e a língua, e com que sacrifícios nem sei pois vivia de mesada miserável, comprova o meu primeiro quadro (...) Por sinal que, não caçoe, eram umas ninfeáceas roxas, num lago, com fundo de grandes árvores florestais, obra do Torquato Bassi! Não caçoe, menina. Mas eu amei aquela água que parecia profunda mesmo. (BATISTA; LIMA, 1998, p. 23)¹¹

Talvez, aos olhos do senso comum, o seu impulso desenfreado em colecionar objetos de arte, livros raros, fosse uma grande loucura pois nunca foi segredo para os amigos mais próximos os gastos excessivos de Mário de Andrade no que diz respeito à aquisição de objetos para a sua coleção. Entretanto, o autor pareceu não dar ouvidos à opinião alheia pois não poupou esforços, fez empréstimos para adquirir novas peças ficando até mesmo sem recursos financeiros; o colecionador Mário de Andrade foi capaz dos maiores sacrifícios para sustentar essa sua grande e incontrolável paixão:

A primeira mola do colecionador é o desejo de possuir as obras que o comovem, seja um Bassi, sejam depois uma Anita ou um Brecheret. Vivendo de aulas particulares, aulas no Conservatório e artigos para a imprensa, além de financiar a maioria das edições de seus livros, comprar livros, livros de luxo e ilustrados, dificilmente resistia diante de um quadro, escultura ou desenho que o atingisse realmente. Em suas cartas, frequentemente confessava estar “miquiado”, isto é, sem dinheiro. Mas pedia emprestado, fazia dívidas, trabalhava dobrado ou –se o artista era velho camarada e não muito necessitado– pagava a obra em prestações irregulares, conforme o andamento de suas finanças. Seus olhos tornaram-se exigentes. Exatiasava-se com cada nova peça que possuía. (BATISTA; LIMA, 1998, p. 23)¹²

Além de exercer o papel de colecionador, Mário de Andrade também exerceu o papel de mecenas da sua própria coleção, patrocinou não apenas a sua produção artística

¹¹BATISTA & LIMA, op.cit, p. 1.

¹²Ibidem, p. 1.

mas também patrocinou as obras de outros artistas investindo igualmente em atividades artísticas e culturais no nosso país, tornando-se uma espécie de “patrono das artes”.

Trazendo esse debate para a nossa contemporaneidade, evidentemente que o pensamento Mário de Andrade já representava um pensamento de vanguarda em que investir em cultura não significava uma despesa, ou gasto em futilidades, mas um investimento na sua própria educação e na educação de outros cidadãos brasileiros. Para o colecionador Mário de Andrade, o investimento em cultura significava um ganho para o país, a formação de uma massa crítica, um tipo de mentalidade que até hoje estamos tentando disseminar no Brasil, principalmente entre os nossos governantes.

Todavia, devemos nos deter agora em um segundo momento da coleção marioandraliana onde há justamente a transição do colecionador, digamos amador, para o colecionador profissional. A coleção marioandralina começa a se expandir: livros, quadros, fotografias, gravações, documentos, uma coleção particular que passa ter um objetivo mais concreto: retratar a cultura brasileira em seus múltiplos aspectos:

Olha demoradamente a coleção, não apenas o que acabou de recolher, mas o que há algum tempo vem juntando e liga-se, quer ao seu interesse pelo Brasil, quer à grande virada artística do modernismo : são livros, revistas, gravuras, partituras musicais, quadros- enfim, uma infinidade de “testemunhos-lembranças” de um passado remoto ou recente, que agora repousam na calma sapientíssima do estúdio (...) Pois não acumulou visando o lucro, como um *marchand* ou status, como um novo rico, mas para chegar mais perto do Homem e do mundo. Para que um dia, olhando a coleção, ele se reconhecesse, pudesse refazer o grande puzzle de sua vida, de sua época. (BATISTA; LIMA, 1998, p.15-16)

Com o crescimento desordenado da sua coleção foi preciso reestruturá-la mentalmente e fisicamente, escolher um método para organizá-la de forma científica, com critérios específicos de classificação procurando preservá-la de forma mais adequada. Ainda que o tema central da sua coleção fosse a cultura brasileira, o cosmopolita Mário de Andrade, cidadão do mundo, adquiriu obras de artistas estrangeiros, relacionando a cultura brasileira à outras culturas. Tanto em sua biblioteca quanto em sua pinacoteca particular, o espaço era dividido entre os

nacionais e os estrangeiros, um olhar fixo no local e outro no universal, demonstrando a grande abertura intelectual de Mário de Andrade¹³.

Não resta dúvida de que o ato de colecionar não é passivo, como bem observou Roger Cardinal, trata-se de um processo criativo e não linear, uma colagem que coexiste com o banal¹⁴ ou como sublinha Costa (2007, p. 24): “uma coleção é, antes de mais nada, uma construção criada pelo próprio colecionador a partir de suas escolhas, mesmo que seja, em parte, escolhas inconscientes¹⁵”. O Mário de Andrade colecionador, a exemplo do Mário de Andrade escritor, ao escolher suas peças exerceu a sua criatividade, fez uma espécie de recorte ou seja, escolheu as peças da cultura brasileira que julgou mais significativas na construção do imaginário simbólico da nação.

Com essa variedade de temas e autores que foram surgindo no decorrer do processo de colecionar, Mário de Andrade construiu uma memória de possibilidades, um repertório artístico multidisciplinar, conseguiu criar o seu próprio museu particular, o seu próprio museu imaginário no sentido que André Malraux¹⁶ lhe atribui isto é, como um lugar mental, um lugar de memória, num país em que não havia ainda consciência do fosse exatamente um museu. Portanto, a coleção marioandralina passa a receber um tratamento mais criterioso por parte de Mário de Andrade que já visava, naquela altura, salvaguardar a sua coleção e deixá-la de herança ao povo brasileiro:

Orgulhoso de sua coleção, também cuidava dela. Emoldurava as telas que chegavam e conservava os desenhos em pastas. Deixou a maior parte dos desenhos e gravuras montadas em passepartouts-branco ou em papel marmorizado-neles anotando, muitas vezes, dados sobre o autor. Organizou outras obras de papel sem passepartout, classificando-as em “séries”, como a “Farra das monotopias”, as caricaturas de Menotti e as coleções de gravuras estrangeiras citadas. Uma pasta de couro contendo desenhos soltos trazia a anotação do escritor: “Desenhos de 3 classe .O que nos faz supor que, a certa altura, quis separar o joio do trigo-sem maiores resultados –na tentativa de domar o mar da rua Lopes Chaves. Muitas vezes contemplava suas obras; também mostrava as peças aos inúmeros visitantes que iam à Lopes Chaves com eles as discutia.Sua coleção funcionou como um museu

¹³BATISTA; LIMA, op.cit,p. 1.

¹⁴Sobre esse assunto ler CARDINAL, Roger. *Collecting and Collage-making. The case of Kurt Schwittes.* In: ELSNER, John; CARDINAL, Roger. *The Cultures of collecting.* London: Reaktion Books, 1994.

¹⁵ COSTA, op.cit,p.2.

¹⁶MALRAUX, André. *O museu imaginário.* Lisboa: Edições 70, s.d.

particular, suprimindo a falta, naquele Brasil de então, dos museus de arte moderna-que só apareceriam depois de sua morte (BATISTA; LIMA, 1998, p. 32)¹⁷.

Outra particularidade que merece ser mencionada em relação à coleção de Mário de Andrade é a grande quantidade de retratos de Mário de Andrade. Segundo Batista e Lima (1998, p. 32), “o escritor está fixado em desenhos, gravuras, aquarelas, óleos e esculturas em cerca de quarenta telas de várias épocas e autores” ou seja, o colecionador tornou-se objeto da sua coleção, uma das personagens principais da sua própria coleção¹⁸.

Apesar do seu desejo em deixar a sua coleção de legado ao povo brasileiro, Mário de Andrade sabia da importância de pregarmos o elogio às coleções privadas. Dito de outra forma, Mário de Andrade, a exemplo de Walter Benjamin¹⁹, tinha plena consciência de que a coleção privada é um ato de resistência intelectual e política, não foi por acaso que solicitou que seu patrimônio intelectual fosse guardado pela família e divulgado muitos há anos mais tarde. Como temos conhecimento, Mário de Andrade viveu durante o período da ditadura do Estado Novo que perseguiu muitos intelectuais e censurou diversas manifestações artísticas, um período em que Mário de Andrade teve grandes dissabores. Em carta endereçada a Álvaro Lins datada de 20 de janeiro de 1944, Mário de Andrade fez um comentário, expressando o seu descontentamento em relação à censura²⁰:

Já estive reparando que a gente do DIP (então o órgão censor dos meios de comunicação), da Gestapo ou que nome de xingo tenha, não gosta de ler artigo sobre música. De maneira que assim, enquanto não roubam a caderneta de jornalista, a gente pode ir ajuntando veneno, ajuntando podume até que esta faça (sic) estoure e que seja o mais breve possível, amém (ANDRADE, 1983, p. 98)

¹⁷BATISTA; LIMA, op.cit,p.1.

¹⁸ Idem.

¹⁹Ler BENJAMIN, Walter. *Je déballe ma bibliothèque*. Trad. Phillippe Ivernel. Paris: Payot et Rivages, 1972. p. 24.

²⁰ ANDRADE, Mário de. *Cartas de Mário de Andrade a Álvaro Lins (20-1-44)* Rio de Janeiro: José Olympio, 1983. p.98.

Revista Literatura em Debate, v. 9, n. 16, p. 57-68, ago. 2015. Recebido em: 02 jun. 2015. Aceito em: 21 jun. 2015.

A prática das coleções privadas deve ser incentivada uma vez que é muito perigoso o Estado ser o único colecionador²¹. Nesse sentido, o colecionador deve ser pensado como um agente histórico, também como uma espécie de guardião do nosso patrimônio cultural que preserva os objetos para posteridade, o seu papel na História da Cultura é de extrema importância:

Os colecionadores privados gradativamente assumem para si tal tarefa, como agentes históricos capazes de determinar o significado e o valor de certos objetos, retirando-os do tempo presente e preservando-os para eternidade. Revelam, ainda, a necessidade, por parte do indivíduo, de refazer não apenas sua própria história pessoal, mas também coletiva, resolvendo o percurso da vida e do tempo para fornecer um novo significado ao passado, em um complexo jogo. (COSTA, 2007, p. 28)²²

É interessante sublinhar que o colecionador Mário de Andrade antecede o crítico de arte Mário de Andrade isto é, a experiência de colecionador deixou grandes lições ao crítico de arte Mário de Andrade mesmo que a sua crítica de arte revele o pensamento social em que estava inserido, muitas das ideias do movimento modernista, Mário foi um profundo conhecedor da História da Arte, um pesquisador que estava apto para analisar o perfil da arte e da cultura do nosso país.²³

Ao lermos trechos do seu chamado antiprojeto para a criação do Patrimônio Artístico Nacional, percebemos que o conhecimento da arte brasileira (da realidade social do nosso país), materializou-se na formulação do seu conceito de patrimônio, um conceito que transcende a noção de valor histórico: Nesse sentido, assevera Mário de Andrade: “Entende-se por Patrimônio Artístico Nacional todas as obras de arte pura ou aplicada, popular ou erudita, nacional ou estrangeira, pertencentes aos poderes. Em públicos, a organismos sociais e a particulares nacionais, a particulares estrangeiros, residentes no Brasil” (SANTOS *apud* ANDRADE, 1981, p. 39).²⁴

²²COSTA, op.cit, p.2.

²³As obras de Mário de Andrade são a prova cabal desse conhecimento.

²⁴SANTOS, Rafael. Todas essas coisas são encantos: viagens, patrimônio e folclore em Mário de Andrade. *Revista Online de Cultura*, Recife, v.2, n.1, abr. 2012. p.138.

Podemos notar que, nesse ponto, a definição de patrimônio de Mário de Andrade é extremamente contemporânea visto que o foco das pesquisas estéticas de Mário de Andrade é a arte brasileira, o seu conceito de patrimônio abrange as artes arqueológica, ameríndia, popular, histórica, erudita nacional e estrangeira e as artes aplicadas nacional e estrangeira ou seja, a sua noção de patrimônio engloba o patrimônio histórico, cultural e ambiental²⁵.

A par de tudo o que foi dito, nesse conceito de patrimônio criado por Mário de Andrade está explícito o princípio da territorialidade²⁶, um princípio que dá direito de posse sobre tudo o que for produzido em território nacional ou seja, não interessa aqui a cidadania do artista/autor, mas da obra que for produzida em território brasileiro e prevê ainda direito de posse sobre obras estrangeiras que porventura sejam doadas às nossas instituições. Como se pode perceber, um conceito muito bem elaborado pelo teórico Mário de Andrade.

Não resta dúvida de que Mário de Andrade tinha um olhar diferenciado no que diz respeito às artes, um olhar mais democrático que jamais estabeleceu hierarquia entre as diferentes artes e as diferentes identidades que existiam em nosso território, um olhar que ultrapassou a fronteira do nacional. Esse olhar marioandralino de respeito ao Outro, de respeito à alteridade, sempre esteve presente em seus textos e em seus discursos. Nos dias de hoje fica impensável estudar os Estudos Culturais Brasileiros sem revisitarmos a obra desse autor que foi um dos grandes intérpretes do Brasil.

O professor, o teórico, o pesquisador, o escritor, o crítico de arte, mas mais especialmente o colecionador Mário de Andrade, inspiraram o pensamento do funcionário público Mário de Andrade, todas essas facetas de um mesmo homem que sempre se interessou pela inteligência artística brasileira e pela consciência criadora nacional tão bem caracterizadas no seu conceito de patrimônio e no seu projeto de criação de políticas culturais.

No decorrer de nossa reflexão, pudemos atestar que o seu interesse em recolher, catalogar e preservar objetos de arte não foi o motivado apenas pelo prazer de colecionar, não foi um mero hobby nas horas vagas. O colecionador Mário de Andrade

²⁵Cabe informar ao leitor que Mário de Andrade defendeu a criação de parques infantis. Ler ANDRADE, Mário de. *Literatura Comentada*. Mário de Andrade. São Paulo: Abril/Educação, 1982.

²⁶Sobre o princípio da territorialidade ler BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.p.168.
Revista Literatura em Debate, v. 9, n. 16, p. 57-68, ago. 2015. Recebido em: 02 jun. 2015. Aceito em: 21 jun. 2015.

mesmo tendo criado um mundo a sua imagem e semelhança, um mundo em que “se permitiu viver cercado de belezas companheiras”, para usarmos as palavras de Gilda Mello e Souza (apud Batista & Lima, 1998, p. 17)²⁷, foi motivado a colecionar por uma razão bastante nobre: o profundo desejo de conhecer a cultura do seu país.

Em suma, colecionar é um ato de grande humanismo, mas no caso de Mário de Andrade foi mais do que isso, foi um ato de amor pelo seu país, de generosidade para com os seus irmãos brasileiros ao salvaguardar o patrimônio material e imaterial do Brasil. Ao querer transformar um patrimônio pessoal, restrito a uma minoria em um patrimônio coletivo, aberto ao público, desejou democraticamente criar e incentivar políticas culturais que garantissem o acesso, a inclusão da sociedade brasileira aos bens culturais, permitiu ao cidadão comum conhecer a cultura do seu país. Mário de Andrade, sua coleção, sua obra, fazem parte do nosso patrimônio artístico nacional, da nossa memória cultural, uma herança que honra a todos nós brasileiros e que temos o dever de partilhar com todos aqueles que se interessam pela nossa cultura.

ABSTRACT

In this work, we explore another one of the many facets of the writer Mário de Andrade: the one of collector. Mário de Andrade is one of the greatest art collectors in Brazil; he wrote his name not only in Brazilian Art History, but he was also one of the pioneers in Collecting History in Brazil. The experience of the collector Mário de Andrade was fundamental for the formulation of his concept of heritage, which was the basis for the creation of cultural politics for our country, articulated with the diverse interests of our society. The collection *marioandralina* portrays the Brazilian culture in its multiple aspects, a collection that must be known by all of those who study our culture.

KEYWORDS: Collecting; Artistic Heritage, Brazilian Culture.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário. *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1943.

ANDRADE, Mario de. *Cartas de Trabalho: Correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade 1936-45*”.DF.Mec/IPHAN/ProMemória, 1981.

ANDRADE, Mario de. *Literatura Comentada*. Mário de Andrade. São Paulo: Abril/Educação, 1982.

²⁷Ibidem, p.1.

Revista Literatura em Debate, v. 9, n. 16, p. 57-68, ago. 2015. Recebido em: 02 jun. 2015. Aceito em: 21 jun. 2015.

ANDRADE, Mário de. *Cartas de Mário de Andrade a Álvaro Lins (20-1-44)* Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

ANDRADE, Mário de; FRANCO, Rodrigo Melo. *Rodrigo e o SPHAN: coletânea de textos sobre o patrimônio cultural*. Rio de Janeiro, MinC/Fundação Nacional Pró-Memória, 1987.

ANDRADE, Mário de. *O Turista aprendiz*. Belo Horizonte, MG: Itatiaia, 2002.

BATISTA, Marta Rosseti & LIMA, Yone Soares. *Coleção Mário de Andrade: Artes plásticas*. 2. ed. São Paulo: IEB/USP, 1998.

BATISTA, Marta Rosseti. *Coleção Mário de Andrade. Religião e magia/Música e dança/ cotidiano*. São Paulo: EDUSP, IEB-USP/Imprensa oficial, 2004.

BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Arquivos permanentes : tratamento documental*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

BENJAMIN, Walter. *Je débalhe ma bibliothèque*. Trad. Phillippe Ivernel. Paris: Payot et Rivages, 1972.

CARDINAL, Roger. Collecting and Collage-making. The case of Kurt Schwittes. In: ELSNER, John; CARDINAL, Roger. *The Cultures of collecting*. London: Reaktion Books, 1994.

CASTRUCCIO, Enrico. *I Collezionisti usi, costumi, emozioni*. Cremona: Persico Edizioni, 2008 .

COSTA, Paulo de Freitas. *Sinfonia de objetos: a coleção de Ema Gordon Klabin*. São Paulo: Iluminuras, 2007.

FONSECA, Maria Helena. *Por que ler Mário de Andrade?* São Paulo: Globo, 2013.
GOB, André & DROUGUET, Noémie. *La muséologie. Histoire, développements, enjeux actuels* Paris : Armand Colin, 2014.

MAGALHÃES, Aloísio. *E triunfo? A questão dos bens culturais no Brasil*. Rio de Janeiro, RJ: Fundação Roberto Marinho/Nova Fronteira, 1997.

MALRAUX, André. *O museu imaginário*. Lisboa: Edições 70, s.d.

SANTOS, Rafael. Todas essas coisas são encantos: viagens, patrimônio e folclore em Mário de Andrade. *Revista Online de Cultura*, p. 128-147, Recife, v.2, n.1, abr. 2012.

SOUZA, Gilda de Mello. O Colecionador e a coleção. In: BATISTA, Marta Rosseti & LIMA, Yone Soares. *Coleção Mário de Andrade: Artes plásticas*. 2. ed. São Paulo: IEB/USP, 1998.

Revista Literatura em Debate, v. 9, n. 16, p. 57-68, ago. 2015. Recebido em: 02 jun. 2015. Aceito em: 21 jun. 2015.